

Cinquentenário da morte do Dr. Josué de Castro, um dos brasileiros mais respeitados no mundo

Em sua luta de combate à fome, à pobreza e à exclusão social, tornou-se celebridade internacional e foi indicado uma vez ao Nobel de Medicina e duas ao Nobel da Paz



Médico, cientista, geógrafo, diplomata, escritor, poeta, cronista, político, ativista... O multifacetado Dr. Josué Apolônio de Castro faleceu em 24 de setembro de 1973, pouco depois de completar 65 anos. Vivia exilado em Paris desde o golpe militar de 1964, quando foi destituído do cargo de embaixador do Brasil na Organização das Nações Unidas. Foi o fundador da Associação Mundial de Luta Contra a Fome e chegou a presidir o conselho executivo do Fundo das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação. Ainda, fundou e dirigiu o Centro Internacional para o Desenvolvimento e presidiu a Associação Médica Internacional para o Estudo das Condições de Vida e Saúde.

A trajetória, que acrescenta inúmeras outras ações, qualificou Josué de Castro como uma das personalidades mundiais mais marcantes do século XX. Assim, quando abordamos o tema “maturidade” na edição da revista, nada mais justo do que reverenciar a memória desse que foi considerado um dos homens mais sábios de seu tempo. Por três vezes foi alçado à condição de candidato ao Nobel. Primeiro, em 1958, concorreu ao de Medicina. Depois, em 1963 e 1970, ao Nobel da Paz. Foi preterido, como outros brasileiros ilustres, mas tem seu nome inscrito na história mundial com inúmeras condecorações e homenagens, como o Prêmio Internacional da Paz, do Conselho Mundial da Paz (1954) e Oficial da Legião de Honra da França (1955), além de ser o Patrono do Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea).

OBRAS E O EXÍLIO

Na passagem do cinquentenário de sua morte, muitas de suas dezenas de obras merecem ser revisitadas, por manterem vivos os seus ideais, especialmente o enfrentamento do flagelo da fome com projetos que agregavam conhecimentos científicos e habilidade política. O livro *Geografia da fome* recebeu o Prêmio José Veríssimo, da Academia Brasileira de Letras, em 1946, enquanto a obra *Geopolítica da fome* ficou com o Prêmio Franklin D. Roosevelt, da Academia de Ciências Políticas dos Estados Unidos, em 1952. Do primeiro livro, *O Problema Fisiológico da Alimentação no Brasil* (1932) a um dos últimos, *A Estratégia do Desenvolvimento* (1971), há riquíssimo conteúdo de estudos, vivências e conhecimento.

Muitos países ofereceram acolhimento a Josué para que ele cumprisse o exílio de 10 anos dos direitos políticos cassados no primeiro Ato Institucional, mas ele optou pela França. Apesar de ter intensificado sua luta humanista e voltado a lecionar em instituições de ensino superior como a Sorbonne, Vincennes e Universidade de Paris – onde trabalhou até a sua morte –, Josué de Castro teve crises depressivas pela distância do país pátrio, ele tão apegado especialmente ao Nordeste e ao seu estado de origem, Pernambuco. Certa feita, escreveu: “Não se morre apenas de enfarte ou de glomerulonefrite crônica, mas também de saudade”.

Sete meses antes de ter cumprido seu período de exílio e ansioso em voltar ao Brasil, o coração “não aguentou”. Até morto o escritor representava uma ameaça ao regime no país, não sendo uma missão fácil até se obter autorização para que o corpo fosse enterrado no cemitério São João Batista, no Rio de Janeiro. Suas obras, igualmente proscritas sob justificativa de “reacionárias”, ainda levaram tempo até que deixassem período de clandestinidade.

A ORIGEM E A FORMAÇÃO

Josué Apolônio de Castro nasceu no dia 5 de setembro de 1908, em Recife (PE). O pai era um retirante paraibano, que havia fugido da grande seca de 1877. A mãe era da zona da mata pernambucana. O menino mulato cresceu na região dos mangues da capital pernambucana, junto a outras famílias de retirantes e os caranguejos. Apesar da infância difícil, conseguiu estudar em bons colégios e levar adiante o seu sonho de ser médico. Começou na Faculdade de Medicina da Bahia e concluiu a graduação na Universidade do Rio de Janeiro, ainda aos 21 anos de idade.



O projeto inicial era ser psiquiatra, mas sensível ao problema da má alimentação num país subdesenvolvido e com população majoritariamente rural, decidiu que sua missão era outra e se especializou em nutrição, depois de estagiar por alguns meses nos EUA. De volta à terra natal, abriu um consultório e, em seguida, foi contratado como médico de uma grande fábrica. Sua tarefa era cuidar da saúde de trabalhadores, que exibiam “estranho problema” que os tornava indolentes e apáticos. Logo tinha o diagnóstico: “Sei o que meus pacientes têm, mas não posso curá-los porque sou apenas médico

e não diretor dessa empresa. O mal dessa gente é fome”. A demissão imediata levou-o a se dedicar ao estudo da enfermidade, tornando-se assim renomado e influente nutricionista, especialmente após publicar, no início dos anos 1930, pesquisa sobre as condições de vida das classes operárias do Recife, estabelecendo, pela primeira vez, a relação entre a alimentação dos trabalhadores e sua produtividade.

Ainda na primeira metade da década de 30, foi um dos fundadores da Faculdade de Filosofia e Ciências Sociais do Recife, onde ensinou Geografia Humana. Foi nesse período que ele casou com Glauce Rego Pinto, com quem teria três filhos: Josué Fernando, Anna Maria e Sonia.

Em 1935, foi se radicar no Rio de Janeiro, onde começou a participar de diversos projetos governamentais, tendo dirigido pesquisas no Instituto de Tecnologia Alimentar, coordenado a implantação dos primeiros restaurantes populares e desenvolvido programas de educação nutricional. Na política ainda teve atuação destacada no movimento pela criação do salário mínimo, que passou a vigor em 1940 por decreto de Getúlio Vargas. Nos anos seguintes foi estudar in loco os problemas alimentares da Argentina, Estados Unidos, República Dominicana, México e França.

INSPIRAÇÃO

**“Ô JOSUÉ, EU NUNCA VI TAMANHA
DESGRAÇA/QUANTO MAIS MISÉRIA
TEM, MAIS URUBU AMEAÇA...”**

**TRECHO DA MÚSICA “DA LAMA AO CAOS”,
DE CHICO SCIENCE.**



No ano de 1946 ele fundou o Instituto de Nutrição da Universidade do Brasil e publicou a obra *Geografia da fome*, na qual apontou o que seria a verdadeira causa da tragédia nordestina: a exploração dos pobres pelos ricos. Como observou Josué, a miséria devia-se não a fatores climáticos e raciais, mas ao modelo econômico e social então vigente. O livro não só revolucionou a ciência como despertou a consciência nacional para o problema. Em 1951 veio a extensão daquela obra, *Geopolítica da fome*, defendendo o desenvolvimento sustentável em escala global, o que fez elevar a sua fama no cenário mundial e a ascensão, em 1952, à presidência da Conferência da Organização das Nações Unidas para a Alimentação e a Agricultura (FAO), com votos de 70 países. À frente da organização, lançou diversos projetos de combate à fome no Terceiro Mundo, com méritos que lhe valeriam a recondução à presidência.

Josué de Castro exerceu dois mandatos como deputado federal representando seu estado, tendo apresentado diversos projetos ligados a questões agrárias, educacionais, culturais e econômicas, além do que regulamentava a profissão de nutricionista e do ensino superior de Nutrição. Em 1963 ele se tornou embaixador brasileiro junto à sede europeia da ONU, em Genebra, ganhando ainda mais destaque no cenário mundial como palestrante e propagador de ideias para o enfrentamento e combate à fome, à pobreza e à exclusão social. No ano seguinte vieram os acontecimentos que mudaram sua vida. **i**

CENTRO JOSUÉ DE CASTRO

O Centro de Estudos Josué de Castro foi fundado em 1979 e tem sede no Recife. Objetiva fortalecer a democracia, a cidadania e os direitos humanos. Desenvolve vários projetos e pesquisas relacionados à segurança alimentar, inclusão social e mercado. Também reúne material de memória e de obras do médico e escritor. Saiba mais em: josuedecastro.org.br

TRAJETÓRIA

“Josué de Castro dirigiu seus estudos não apenas para o problema da fome em si e de sua incidência sobre as pessoas mal alimentadas, mas sobre as causas desse problema e a ameaça que representava para a humanidade, as sequelas que deixava nas populações, com repercussões na esperança de vida, na produção e no desenvolvimento intelectual. Estudou Geografia para localizar as áreas de fome endêmicas no mundo e as implicações provocadas pelas condições naturais e pela organização social, e preocupou-se, também, com a Sociologia, daí a sua visão da totalidade do problema e o norteamento tanto dos seus estudos quanto da sua ação política nos planos nacional e internacional”.

MANOEL CORREIA DE ANDRADE, NO LIVRO “JOSUÉ DE CASTRO: O HOMEM, O CIENTISTA E SEU TEMPO” (1997)

A ORIGEM

“A fome se revelou espantosamente aos meus olhos durante a minha infância nos bairros miseráveis de Recife, na lama dos mangues do Capi-baribe, fervilhando de caranguejos e povoada de seres humanos feitos de carne de caranguejo. São seres anfíbios, habitantes da terra e da água, meio homens e meio bichos, arrastando-se na lama para poder sobreviver. (...) E quando cresci e saí pelo mundo afora, me apercebi com nova surpresa que o que eu pensava ser um fenômeno local, um drama do meu bairro, era um drama universal”.

JOSUÉ DE CASTRO, NO PREFÁCIO PARA A EDIÇÃO PORTUGUESA DE “HOMENS E CARANGUEJOS” (1966).